

O BEM-ESTAR SUBJETIVO (FELICIDADE) NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Maria Fernanda da Silva Ferreira ¹
Winnie Gomes da Silva Barros ²

RESUMO

O bem-estar subjetivo, ou felicidade, é um fenômeno multidimensional e dinâmico, composto por três dimensões principais: satisfação com a vida, afeto positivo e afeto negativo. De acordo com Ed Diener (1984), a experiência de bem-estar subjetivo está associada a um maior número de vivências emocionais positivas (como alegria, entusiasmo e contentamento) em relação às negativas (como ansiedade, raiva e tristeza). Partindo dessa perspectiva, questionamos se a proposta da educação infantil presente na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) está alinhada com a promoção do bem-estar subjetivo na infância. Para investigar essa questão, realizamos um estudo documental, analisando os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento da educação infantil estabelecidos na BNCC. A partir da análise temático-categorial (Bardin, 2011), identificamos três categorias temáticas principais: 1. Relações com os colegas: os objetivos contemplam o desenvolvimento da comunicação como base para a compreensão do outro e a expressão de ideias. 2. Características positivas de si: incluem atividades que favorecem o reconhecimento das próprias capacidades e conquistas, além da identificação de dificuldades como parte do processo de superação. 3. O corpo como expressão: enfatiza a valorização do próprio corpo e o respeito ao corpo do outro, compreendendo-o como mediador na expressão de afetos e sensações. Concluímos que a BNCC apresenta objetivos de aprendizagem que dialogam com a promoção do bem-estar subjetivo na infância, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais essenciais para a felicidade e o equilíbrio emocional ao longo da vida.

Palavras-chave: Bem-estar subjetivo, Felicidade, Educação infantil, BNCC.

1 INTRODUÇÃO

“...descobri que era possível _ e saudável _ sentir raiva, tristeza e medo. Esses sentimentos eram tão importantes e legítimos quanto à alegria, doçura e encantamento perante a vida”. O trecho da crônica da autora Fabíola Simões traz a reflexão da simplicidade das nossas emoções que são despertadas a partir de nossos sentimentos. Na crônica, a autora traz como exemplo o filme *Divertida Mente* que encanta as crianças pela sua cor e animação e para os adultos de forma leve, sem perder o sentido profundo dos

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade de Pernambuco - UPE, mariafernanda.ferreira@upe.br;

² Professora do Curso de Pedagogia da Universidade de Pernambuco - UPE, winnie.barros@upe.br;

sentimentos.

Ainda, a autora enfatiza que “a alegria só existe por causa da tristeza” (p.98). Quem nunca ouviu falar ou até já falou a seguinte frase: “há sempre um arco-íris depois da tempestade”. O arco-íris assemelha a alegria, conquista, sucesso, felicidade. Já a tempestade, se assemelha a tristeza, confusão, fracasso. Essa frase, é por muitas vezes não é válida durante as experiências emocionais negativas, por não acreditar que ela vai passar. Ainda, a autora ressalta que

{...}embora guardadinha, é a tristeza que nos embeleza também, apaziguando nossa euforia, moldando nosso espírito, acrescentando uma ponta de doçura e esperança em cada lembrança. (Simões, Fabíola, p. 99, 2ª ed., 2022).

Dessa forma, a autora frisa que para vivenciar experiências e emoções positivas (felicidade), não quer dizer que experiências e emoções negativas (tristeza) não irão existir em nossa vida. Logo, para a criança em seu processo de desenvolvimento (cognitivo, emocional, social e físico), **o brincar** é um elemento muito crucial que contribui significativamente para o bem-estar subjetivo das crianças, sendo a prática do brincar que oportuniza ambas experiências e proporcionam diversas emoções que se manifestam durante as brincadeiras, e irão contribuir e construir significados e sentidos na compreensão de mundo e na construção da criança.

1.2 Bem-estar subjetivo

Os estudos do BES estão preocupados em compreender como as pessoas vivenciam suas experiências positivas, as quais incluem reações afetivas e processos cognitivos (interpretação das experiências afetivas). Nesse sentido, o bem-estar subjetivo apresenta três características: é de ordem subjetiva; o indivíduo avalia as suas experiências positivas e os aspectos da vida (Diener, 2009). De modo geral, entende-se que a composição emocional do conceito BES inclui na forma de uma balança de duas dimensões: emoções positivas e emoções negativas. Para a representação desse balanço, é necessário levantar o que pode ser uma relação positiva entre as emoções vividas ao longo da vida, ou seja, a vivência de quanto mais emoções positivas do que negativas afeta a dimensão do BES.

Quando se estuda os afetos positivos e negativos, não se trata de apenas identificar a presença de somente sensações e experiências positivas em toda vida, mas poder detectar se na grande maioria os acontecimentos vividos foram balançadas por mais emoções prazerosas do que por sofrimentos (Diener, 2009; Diener, Lucas e Oishi, 2002).

1.3 Bem-estar subjetivo na infância

Nesse caminho, alguns estudos analisam o bem-estar subjetivo na dimensão da realidade da infância. Giacomoni, Souza e Hutz (2014a) avaliaram a concepção de

felicidades para as crianças de 5 a 12 anos de idade (n=200) da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. O estudo constatou que as crianças destacaram três elementos que compõem o que é ser feliz: sentimentos positivos (rir, felicidade, alegria), self positivo e altruísmo (ser legal, repartir, ajudar, amar), lazer (atividades físicas e divertidas, brincar). Além desses, apontaram satisfação de necessidades básicas e desejos (ter casa, comida, ganhar presentes), família (referências à família), amizade (referências aos relacionamentos com os pares), não-violência (não ser ator nem expectador de violências), escola (referências à escola).

Em relação ao lazer, às crianças de escolas privadas mencionaram mais essa dimensão do que as crianças de escolas públicas que destacaram a satisfação de necessidades básicas e de desejos (ter casa, comida, ganhar presentes). Ainda, as crianças de 5-6 anos mencionaram mais a felicidade com o lazer. A partir desse resultado, podemos levantar a hipótese da importância do brincar na promoção do bem-estar subjetivo das crianças, contudo não há uma análise apurada sobre tal relação.

Em outro estudo, Giacomoni, Souza e Hutz (2014b) avaliaram a autopercepção da felicidade das crianças de 5 a 12 anos (n=200) na cidade Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Os pesquisadores constataram que 170 crianças sentem-se felizes, 24 que algumas vezes sim (dependendo de condições), 4 não se consideram felizes, e 2 não souberam responder. Quando foram questionados os motivos de serem felizes, os participantes apontaram: ter família, amor de pai/mãe, brincar com pais (n = 72): self positivo: sou alegre, amável; sei resolver os problemas, conversar; ajudo as pessoas (n = 45): lazer: brincar, passear, jogar, viajar, desenhar, ver televisão (n = 39); satisfação de necessidades básicas e desejos: ter casa, comida, saúde, dinheiro; brinquedos (n = 32); amizade: ter amizades, gostar dos amigos (n= 36); satisfação plena de vida: não falta nada, tenho tudo, não tem problema (n = 23); escola: aprender a ler e escrever, ter boas notas; não-violência: viver em paz, não briga, pais não brigam. Nesse sentido, o lazer é apontado, novamente, como um dos elementos que promovem felicidade, isto é, bem-estar subjetivo.

Braga (2019) se aproxima dos dados identificados nos estudos supracitados, no qual analisou as crianças entre 8 e 12 anos (n=101) na cidade de Santarém, Pará, de uma escola pública. Elas destacaram que a escola, a família e o self (autoestima, bom humor, expressão de afetos, capacidade de relacionar-se) são dimensões que promovem felicidade. Nessa perspectiva dos relacionamentos, Delgado e Carvalho (2022) concluíram que para as crianças portuguesas (5º ano do estudo básico) as relações interpessoais estão associadas com a satisfação do relacionamento com os professores e amigos de escola. Em outras palavras, “o vínculo positivo com o professor, assim como com seus amigos, pode favorecer a inclusão escolar, o aprendizado escolar e aumentar as expectativas positivas sobre o futuro” (p.198).

3 METODOLOGIA

Foi realizado um estudo documental, o qual foi analisando os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento da educação infantil estabelecidos na BNCC.

A partir da análise temático-categorial (Bardin, 2011), identificamos três categorias temáticas principais: 1. Relações com os colegas; 2. Características positivas de si; 3. O corpo como expressão.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Educação Infantil, conforme delineada na Base Nacional Comum Curricular (2017), é concebida como uma etapa estruturante do processo educacional brasileiro. Não se trata de mera preparação para o Ensino Fundamental, mas de um tempo legítimo da infância, pleno de experiências, descobertas e significados. Nesse sentido, a BNCC propõe uma organização curricular que reconhece a criança como sujeito de direitos, ativa, potente e capaz de construir conhecimentos a partir de suas interações com o mundo físico, social, cultural e simbólico.

A BNCC estrutura a Educação Infantil em **cinco campos de experiência**, os quais funcionam como eixos norteadores para a vivência pedagógica:

1. **O eu, o outro e o nós**
2. **Corpo, gestos e movimentos**
3. **Traços, sons, cores e formas**
4. **Escuta, fala, pensamento e imaginação**
5. **Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações**

Cada um desses campos valoriza o brincar como linguagem primordial da infância e propõe experiências significativas para o desenvolvimento integral — cognitivo, físico, emocional e social.

No escopo da análise do documento da BNCC é possível identificar três **categorias temáticas centrais**, que dialogam diretamente com os campos de experiência e revelam os eixos formadores da subjetividade infantil:

- **Relações com os colegas**

Essa categoria remete ao campo de experiência "**O eu, o outro e o nós**", enfatizando a importância das interações sociais como meio para o desenvolvimento da empatia, da solidariedade e da comunicação. A convivência com os pares permite à criança compreender a diversidade de pontos de vista, resolver conflitos de maneira colaborativa e construir uma identidade relacional. Os objetivos de aprendizagem que contemplam a expressão de ideias, a escuta ativa e a construção de vínculos afetivos, promovendo um

ambiente que valoriza a convivência ética desde os primeiros anos.

- **Características positivas de si**

Relaciona-se diretamente ao reconhecimento de si como sujeito único e capaz, integrando o campo "**O eu, o outro e o nós**", mas também dialogando com "**Escuta, fala, pensamento e imaginação**". Essa dimensão visa favorecer a autoestima, a autoconfiança e o senso de pertencimento. A criança é encorajada a perceber suas conquistas, reconhecer suas dificuldades e, sobretudo, compreender-se em processo — como alguém que cresce, erra, acerta e aprende. Trata-se de uma pedagogia que aposta no sujeito que sente, deseja e se transforma.

- **O corpo como expressão**

Este aspecto está fortemente vinculado ao campo de experiência "**Corpo, gestos e movimentos**", mas também ecoa em "**Traços, sons, cores e formas**". O corpo da criança não é apenas veículo de locomoção, mas território simbólico, expressivo e sensível. Na Educação Infantil, o corpo é reconhecido como linguagem e como mediador dos afetos, emoções e sensações. Por meio de brincadeiras corporais, danças, jogos simbólicos e atividades sensoriais, a criança expressa sua subjetividade e aprende a respeitar os limites e possibilidades do próprio corpo e do corpo do outro.

A intersecção dessas categorias temáticas com os campos de experiência da BNCC aponta para uma concepção integrada da criança — uma visão que rompe com a fragmentação entre o cognitivo e o emocional, entre o corpo e a mente. A BNCC assume, assim, uma perspectiva holística e humanizadora da educação, em que o brincar, o cuidado, a linguagem, a escuta e as relações são dimensões indissociáveis.

Ademais, a proposta curricular da Educação Infantil na BNCC reforça o papel do professor como mediador sensível e atento às singularidades de cada criança, capaz de planejar experiências educativas que respeitem os tempos, os ritmos e as vozes da infância. O educador torna-se aquele que escuta o que ainda não foi dito em palavras, que reconhece o gesto, o olhar, o silêncio — porque sabe que a criança fala o mundo de muitas maneiras.

Assim, é possível compreender que tanto o currículo da Educação Infantil de Pernambuco quanto a BNCC revelam uma concepção de infância que valoriza a ludicidade, o afeto, a imaginação e a criatividade como fundamentos da ação pedagógica. As atividades propostas nos diversos Campos de Experiência indicam uma forte convergência com os princípios de promoção do bem-estar subjetivo e da felicidade infantil, indo além da mera transmissão de conteúdos.

Ao colocar a criança no centro do processo educativo, reconhecendo-a como ser

integral e ativo, o currículo afirma um compromisso ético com a dignidade da infância. Brincar, neste contexto, não é apenas um direito, mas um modo de ser no mundo, de conhecer e de transformar realidades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa desenvolvida e com a obtenção dos resultados, foi possível compreender que a proposta de promover o bem-estar subjetivo dentro do currículo da Educação Infantil e da BNCC, não é engessar ou focar no repasse apenas do conteúdo sem sentido ou sem nenhum tipo de reflexão. Mas sim, usar os Campos de Experiência como ponte para promover atividades que façam relações com a criatividade, imaginação, sentido, ludicidade e expressão de afetos, como fundamentos das práticas pedagógicas que são vivenciadas. Concluímos que a BNCC apresenta objetivos de aprendizagem que dialogam com a promoção do bem-estar subjetivo na infância, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais essenciais para a felicidade e o equilíbrio emocional ao longo da vida.

6 REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil*. Brasília, DF: MEC/SEB, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf. Acesso em: 21 ago. 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc>. Acesso em: 19 ago. 2025.
- DELGADO, Paulo; CARVALHO, João M. S. Como as crianças avaliam as suas vidas? Um estudo sobre o bem-estar subjetivo. *Desidades: Revista Científica da Infância, Adolescência e Juventude*, n. 34, ano 10, set./dez. 2022, p. 189-206. Disponível em: <https://doi.org/10.54948/desidades.v0i34.44473>. Acesso em: 21 ago. 2023.
- DIENER, Ed. Subjective well-being. *Psychological Bulletin*, Washington, v. 95, n. 3, p. 542–575, 1984. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0033-2909.95.3.542>. Acesso em: 22 ago. 2023.
- DIENER, Ed. Bem-estar subjetivo: a ciência da felicidade e uma proposta de índice nacional. *Psicólogo Americano*, v. 55, n. 1, p. 34–43, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0003-066X.55.1.34>. Acesso em: 22 ago. 2023.

DIENER, Ed. The remarkable changes in the science of subjective well-being. *Perspectives on Psychological Science*, v. 8, n. 6, p. 663-666, 2013. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1745691613507583>. Acesso em: 22 ago. 2023.

DIENER, Ed.; LUCAS, Richard E.; OISHI, Shigehiro. Subjective well-being: the science of happiness and life satisfaction. In: SNYDER, C. R.; LOPEZ, Shane J. (ed.). *Handbook of Positive Psychology*. Oxford: Oxford University Press, 2002. p. 63-73. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2002-02382-005>. Acesso em: 22 ago. 2024.

DIENER, Ed.; OISHI, Shigehiro; TAY, Louis. Advances in subjective well-being research. *Nature Human Behaviour*, v. 2, n. 4, p. 253-260, 2018. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41562-018-0307-6>. Acesso em: 22 ago. 2025.

GIACOMONI, Claudia Hofheinz; SOUZA, Luciana Karine de; HUTZ, Claudio Simon. A visão das crianças sobre a felicidade. *Psicologia Escolar e Educacional*, Campinas, v. 18, p. 143-150, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/QhcYCNJXw598Cf8sW39QTXx/#>. Acesso em: 21 ago. 2025.

GIACOMONI, Claudia Hofheinz; SOUZA, Luciana Karine de; HUTZ, Claudio Simon. O conceito de felicidade em crianças. *Psico-USF*, Itatiba, v. 19, p. 143-153, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusf/a/RWhRTwWbK9RfZRxc4Zt4wSB/?lang=pt>. Acesso em: 21 ago. 2025.

SIMÕES, Fabíola. Felicidade distraída: um contrato com a simplicidade. p. 98-99 2. ed. Barueri, São Paulo. Novo Século Editora, 2022. Acesso em 23 out. 2025.

